



Giovana de Aquino Camello, discente do curso de Relações Internacionais,  
Universidade Federal do Pampa, Campus Santana do Livramento

Mitali Maciel, mestra em Administração, Universidade Federal do Pampa, Campus  
Santana do Livramento

Dra. Alessandra Troian, docente, Universidade Federal do Pampa, Campus Santana  
do Livramento

giovanaacamello.aluno@unipampa.edu.br

As mulheres trabalhadoras rurais frequentemente estiveram presentes nas lutas sociais da agricultura brasileira, embora nem sempre sua participação seja reconhecida. A invisibilidade do trabalho das mulheres na agricultura se vincula às formas como se organiza a divisão sexual do trabalho e de poder na produção agrícola, em que a chefia familiar e da unidade produtiva socialmente é atribuída ao homem. O envolvimento das mulheres com os temas da reprodução e dos cuidados, frequentemente, está relacionado às questões de gênero. A atribuição se atrela ao fato de as mulheres terem uma inserção determinada na estrutura produtiva, acompanhada da construção da subjetividade praticamente exclusiva das mulheres como 'cuidadoras' dos descendentes, das tarefas domésticas e da reprodução familiar, o que não acontece com os homens. Em um contexto de luta e emancipação social, a participação das mulheres em experiências produtivas vinculadas ao movimento agroecológico ganha espaço de atuação e relevância. Levando-se em conta, a questão da necessidade de empoderamento feminino, considerando-as como produtoras de alimentos e gestoras do meio ambiente, bem como portadoras de uma lógica conservadora em relação aos recursos naturais. A produção agroecológica surge como um movimento de busca por uma agricultura pautada na sustentabilidade, estando diretamente ligada ao meio ambiente. Ela se apresenta como contraponto à agricultura convencional, tendo como um dos seus objetivos a diversificação na produção agrícola e a oposição à prática de monoculturas. Em linhas gerais, a agroecologia se destina a apoiar a transição dos atuais modelos de agricultura, considerados insustentáveis, para paradigmas sustentáveis. Por sua vez, a sustentabilidade é definida, de forma ampla, como a capacidade de esses processos perdurarem no tempo, conciliando a atividade agrícola e a manutenção das características ecológicas do ambiente, proporcionando meios de vida dignos para os atores envolvidos com a atividade produtiva. Nesse campo, a agroecologia desponta para diversas mulheres como uma forma promissora de trabalhar, que valoriza a própria contribuição na construção de conhecimentos e combina formas sustentáveis de produção. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo evidenciar o papel da mulher na produção de alimentos saudáveis e sua contribuição para a promoção do desenvolvimento sustentável na agricultura. Para tal propósito, realizou-se pesquisa bibliográfica, em bases de dados como: Google Acadêmico, Periódicos CAPES, Portal Scielo e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), por meio de artigos, dissertações e teses relacionadas à temática, publicadas nos últimos cinco anos (2018-2022), empregando-se a análise interpretativa das informações reunidas. Como resultado, tem-se que: das 10 obras selecionadas para a elaboração da presente pesquisa, oito foram consideradas relevantes para a composição do estudo e duas foram descartadas, devido à baixa ligação com a finalidade desta investigação. Nesse sentido, os principais papéis das mulheres na produção de comida são principalmente: i) a produção de alimentos saudáveis e sustentáveis; ii) a propensão para novas formas de produzir, recuperando saberes do seu patrimônio sociocultural; iii) a valorização da agrobiodiversidade local; iv) a autonomia e

emancipação na gestão da produção e na tomada de decisão; v) a potencialidade de gerar maior envolvimento da família no sistema produtivo sustentável; vi) a contribuição na oferta de alimentos alinhados às necessidades de segurança alimentar; e vii) a competência de buscar novos mercados para comercializar a produção, como por exemplo feiras agroecológicas e aplicativos de mensagens. Portanto, a partir do sistema agroecológico de produção, há uma redefinição da posição da mulher na agricultura, ao viabilizar a sua independência, ao mesmo tempo, abrindo espaços para que a mulher atue como sujeito ativo na transformação social em busca da sustentabilidade. Apesar disso, ainda são muitos os desafios a serem rompidos em uma sociedade patriarcal, mas é inegável a ascensão feminina como protagonista de uma nova forma de fazer, organizar e viver a agricultura, promovendo novos arranjos familiares, autonomia social e econômica, contribuindo para a sustentabilidade ambiental. Logo, a figura da mulher se torna essencial e presente na agroecologia e em todas as etapas produtivas dentro da unidade de produção, tendo vez e voz para tomada de decisão, conhecendo e participando de todas as fases e processo produtivo. Cabe mencionar que, a agroecologia não cumprirá seus propósitos de ser uma ciência e um modelo para a ação emancipatória da produção de alimentos, se não ocupar também, teórica e praticamente, o enfrentamento às questões da subordinação das mulheres agricultoras. As mudanças estão ocorrendo, mas é preciso reconhecê-las.

**Agradecimentos:** Ao Programa de Desenvolvimento Acadêmico– PDA da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

**Palavras-chave:** Agroecologia; Mulher; Produção de alimentos; Segurança alimentar.